



EXPERIÊNCIAS DE ENFERMEIRAS NA SUPERVISÃO DO SERVIÇO DE VACINAÇÃO: PROTAGONISMO DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE

VALESCA SILVEIRA CORREIA; JACIANE DE DEUS; MARIA LÚCIA SILVA SERVO;
ELAINE GUEDES FONTOURA; MARLUCE ALVES NUNES OLIVEIRA

RESUMO

Introdução: A atuação do Agente Comunitário de Saúde (ACS) é imprescindível para o alcance das coberturas vacinais no Brasil. Neste sentido, a supervisão dos ACS pela enfermeira contribui para a orientação e controle do processo de trabalho destes profissionais. **Objetivo:** Compreender de que forma o trabalho do ACS impacta na supervisão da enfermeira na sala de vacinação. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritivo, exploratório, tendo como objeto de estudo a importância do ACS para a supervisão desenvolvida pela enfermeira no setor de vacinação. Os participantes foram enfermeiras atuantes na Estratégia de Saúde da Família (ESF) no período da coleta de dados. Os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada e observação sistemática não participativa após o consentimento dos participantes firmado no termo de consentimento livre e esclarecido no período de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020. Os dados foram analisados pelo método e técnica de Análise de Conteúdo de Bardin. **Resultados:** A enfermeira pode realizar a supervisão da sala de vacina, através de questionamentos e busca de informações aos ACS referente ao serviço de vacinação, como por exemplo: efeitos após a vacinação, datas apazadas para as próximas doses, como as famílias relatam sobre o acolhimento, motivo pelo qual não compareceu ao serviço de vacinação. Também foi possível identificar através dos relatos, as dificuldades encontradas pela enfermeira quando a mesma relata sobre a dificuldade de imunizar todos os membros do seu território e alcançar metas e realizar a busca ativa quando existem áreas descobertas. **Conclusão:** Os resultados obtidos no presente estudo possibilitaram a compreensão sobre a importância do trabalho do ACS para o alcance das coberturas e metas vacinais. Desta forma, através do processo educativo a enfermeira supervisora consegue desenvolver o potencial e a qualificação do ACS, além de aumentar o vínculo e a confiança do supervisionado com o supervisor.

Palavras-chave: supervisão; agente comunitário de saúde; vacinação.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as campanhas de vacinação no Brasil tiveram resultados positivos. No ano de 1958 teve destaque o plano que erradicou a varíola. Entretanto, as desarticulações entre os diversos órgãos do Ministério da Saúde evidenciaram a necessidade de uma supervisão em saúde que colocasse em conexão as ações de saúde pública (ESCOREL, TEIXEIRA, 2012).

A necessidade de controlar efetivamente e continuamente graves epidemias que assolaram o Brasil desde a época do período colonial, fez com que na década de 70 fosse criado o Plano Nacional de Imunização(PNI), em um período de numerosos casos de mortes e sequelas provocados pela febre amarela e poliomielite (HOCHMAN, 2011; LUNA, et al., 2011).

A transição política no Brasil, do cenário ditatorial para republicano entre as décadas

de 70 e 80 fomentam a reivindicação por serviços públicos e de qualidade em saúde. Assim, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1988, legislações infraconstitucionais foram elaboradas para a implantação deste sistema.

Deste modo, em 1991 foi criado o programa dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), o qual possibilitou a realização de ações pelo ACS na atenção primária sob a supervisão da enfermeira, com o intuito de acompanhar indivíduos e famílias em suas questões sociais e de saúde, incentivando a promoção da saúde e a prevenção de doenças e agravos com o objetivo de diminuir os indicadores de morbimortalidade (HORTA, PEREIRA, 2022).

O ACS contribui na implementação do Sistema Único de Saúde, tornando-se importante elo de comunicação e vínculo entre comunidade e o serviço de saúde. Dentre estes, se encontram diretamente ligados às ações de imunização, pois organizam o acesso, identificam prioridades, realiza busca ativa dos faltosos, encaminhamento para a unidade, verificam a caderneta vacinal e detectam casos de riscos (FONSECA et al., 2012).

As orientações contidas no guia dos ACS para serem realizadas durante as visitas como verificação da cicatriz da vacina BCG no braço direito, após seis meses da aplicação da vacina; informações sobre aplicações de vacinas que não estejam registradas na caderneta; não comparecimento no dia agendado na unidade para a vacinação; apresentação de qualquer queixa após a aplicação da vacina, são informações colhidas de grande importância e contribuem para a segurança do paciente (BRASIL, 2009).

O Programa Saúde da Família (PSF) foi criado em 1994 e incorporou o PACS em muitas regiões do Brasil. Este programa transformou-se numa estratégia de reorientação do modelo de atenção à saúde para garantir o acesso indiscriminado aos pacientes dos serviços aos atendimentos, procedimentos e atividades que desejassem ou necessitassem, efetivando o direito à saúde (ANDRADE, et. al., 2017).

Assim, a enfermeira como supervisora do PACS ou PSF tem a responsabilidade de treinar, capacitar, orientar, acompanhar as atividades de busca ativa de usuários pelos ACS no que diz respeito à verificação da atualização do calendário vacinal dos indivíduos pertencentes às famílias da área de abrangência da Unidade Básica de Saúde.

O objetivo deste estudo foi compreender de que forma o trabalho do ACS impacta na supervisão da enfermeira na sala de vacinação .

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritivo, exploratório, tendo como objeto de estudo a importância do ACS para supervisão desenvolvida pela enfermeira no setor de vacinação.

A pesquisa foi realizada nas Unidades de Saúde da Família (USF) do município de Feira de Santana-BA. O recorte espacial foram 19 USF de Feira de Santana que possuíam uma ou mais equipes na estrutura física da zona urbana e rural, escolhidas de forma aleatória. A observação foi realizada em 17 setores de vacinação visto que em uma unidade coexistiam três equipes para um setor de vacinação e em outras duas unidades, duas equipes para um setor de vacinação cada uma.

Os participantes foram enfermeiras atuantes na Estratégia de Saúde da Família (ESF) no período da coleta de dados. Não foram incluídas as enfermeiras afastadas do trabalho por motivos de saúde ou trabalhistas.

Os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada e observação sistemática não participativa após o consentimento dos participantes firmado no termo de consentimento livre e esclarecido no período de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020.

Durante a entrevista foi utilizado roteiro contendo perguntas disparadoras sobre a

avaliação do usuário ao serviço de vacinação, a identificação dos grupos etários e metas vacinais, técnicas e instrumentos de supervisão utilizados, realização de educação em serviço do setor de vacinação.

As entrevistas foram realizadas no consultório de enfermagem nas USF em data e horário escolhido pelas mesmas após contato inicial diretamente nas USF, gravadas em mídia digital. A transcrição das entrevistas individuais foi realizada pela pesquisadora colaboradora e revisada pela pesquisadora responsável. Estes dados foram transcritos na sua totalidade incluindo as pausas, gestos, negação e perguntas derivadas da pergunta principal.

Os registros manuais revistos formaram o *corpora* textual, com os participantes das entrevistas identificados com a letra maiúscula E acompanhado de números cardinais.

Os dados foram analisados pelo método e técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, que configura-se como recurso metodológico que se aplica às mensagens, no entrecruzamento dos pressupostos teóricos, o material coletado e as interpretações das comunicações (FRANCO, 2007; BARDIN, 2016).

A pesquisa atendeu aos pressupostos da ética conforme resoluções vigentes, sendo aprovada com CAAE 296819.7.0000.0053 e parecer nº 3.740.225.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação das análises das unidades temáticas deu-se por agrupamento em categorias que abarcasse o significado da supervisão em enfermagem na busca incessante de responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos. Após a análise dos dados emergiu a categoria, a saber: A importância do ACS para o monitoramento e supervisão do setor de vacinação.

A amostra foi constituída por 22 enfermeiras atuantes na ESF, sendo que 54,5% estavam na faixa etária entre 29 e 39 anos, 36,4% entre 40 e 59 anos e 9,1% não revelaram a idade. O tempo de formação profissional variou de 4 meses a 15 anos. Em relação ao tempo de atuação na ESF, 50% dos entrevistados trabalhavam de 04 meses a 03 anos, 31,8% de 04 a 07 anos e 18,2% de 12 a 15 anos.

Notou-se que nas falas a seguir o reconhecimento do trabalho do ACS, para o serviço de imunização, principalmente na busca para alcançar a meta vacinal.

[...] o agente de saúde tem papel fundamental também porque faz a busca ativa. E14

[...] a gente tem ajuda dos agentes de saúde que também estão nas áreas sinalizando chamando convocando nós fazemos sala de espera aqui na unidade pra poder conscientizar, orientar as pessoas da importância da vacinação também. E15

[...] Eu não tenho área descoberta, os meus agentes de saúde fazem por exemplo, nas campanhas, fazem uma lista [...] público alvo [...] vai vendo quem falta e vai fazendo essa busca ativa. E3 [...]

O bom do PSF é isso que eu consigo buscar os faltosos com mais facilidade. E16

A dinâmica entre a unidade e o ACS proporciona maior agilidade na busca pela informação, pelo fato dos ACS serem pessoas da própria comunidade, residirem no território da ESF, conhecerem os moradores do território. Este fato facilita o desenvolvimento do trabalho deste profissional pela proximidade que têm com a realidade do local, eles conseguem dar um retorno mais rápido para a unidade, proporcionando continuidade do cuidado (BITTERCOURT et al., 2011).

Desta forma podemos perceber que pelo fato dos ACS serem do mesmo território das famílias que acompanham, proporcionam o estabelecimento de maior vínculo devido à

convivência, proximidade e confiança entre os estes e a comunidade, o que facilita o diálogo com as pessoas, as quais expõe suas necessidade e queixas sobre o serviço ofertado nas unidades (CARLI et al., 2014).

Desta forma a enfermeira pode realizar a supervisão da sala de vacina, através de questionamentos e busca de informações aos ACS referente ao serviço de vacinação, como por exemplo: efeitos após a vacinação, datas aprazadas para as próximas doses, como as famílias relatam sobre o acolhimento, motivo pelo qual não compareceu ao serviço de vacinação.

Foi possível identificar nos relatos, que através da supervisão do processo de trabalho do ACS, a enfermeira pode obter informação sobre o funcionamento do setor de vacinação. Desta forma, fora da estrutura física da USF pode-se realizar a supervisão ao conversar informalmente com as famílias e obter informações com o objetivo de prestar uma melhor qualidade e segurança nos serviços prestados.

Marinho e Júnior (2020) trazem como resultado da pesquisa desenvolvida pelos mesmos sobre supervisão dos ACS na Estratégia Saúde da Família que a supervisão para fornecer apoio ao supervisionado contribui para a motivação e desempenho dos trabalhos, além de aumentar o vínculo supervisor e supervisionado.

Para que a enfermeira consiga obter informações que ajude a desenvolver uma assistência segura e de qualidade, é necessário que o tipo da supervisão realizada coercitiva, punitiva ou fiscalizadora, pois as relações estabelecidas entre supervisor e supervisionados estão entre os principais aspectos capaz de inferir no trabalho do supervisionado.

Quando a enfermeira realiza a educação na saúde com os ACS, orientando sobre a importância da vacina e benefícios, a supervisão transforma-se em uma ferramenta que colabora para um cuidado seguro. Quando a enfermeira realiza capacitação sobre vacinação para o ACS este repassa a informação para a comunidade, e quando o usuário chega no setor de vacinação ele já sabe qual a vacina vai tomar, para quais doenças protege e quais são as possíveis reações e efeitos adversos.

Caso aconteça uma reação esperada ou inesperada, o paciente poderá comentar com o ACS e este irá repassar a informação para o enfermeiro e buscar em conjunto uma resolução para o caso.

Também foi possível identificar através dos relatos, as dificuldades encontradas pela enfermeira na rotina de vacinação quando a mesma relata sobre a dificuldade de imunizar todos os membros do seu território e alcançar metas e realizar a busca ativa quando existem áreas descobertas.

[...] a falta do agente comunitário dificulta a cobertura da área [...] porque quebra esse vínculo. E10

[...]a gente tem 22 ruas sem agentes de saúde e isso ai é nosso maior problema. E17

a gente até fez um bloqueio; um dia desse aí, em uma rua por suspeita de coqueluche, [...]quando a agente solicitou os cartões de vacina tinham vários em atraso[...] tenho muita área descoberta E2

a gente teria que ter em toda área o agente comunitário ativo pra gente fecha esse dado, certo, então a meta é todas as crianças serem vacinadas naquele território naquela área de abrangência e não só uma parte porque todo mundo tem que tá devidamente vacinada E6

O retorno de doenças antes erradicadas, bem como o surgimento de epidemias e surtos, sinaliza para a importância da manutenção de coberturas vacinais elevadas e do monitoramento destas coberturas através do trabalho do ACS e da supervisão da enfermeira.

4 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos no presente estudo possibilitaram a compreensão sobre a importância do trabalho do ACS para o alcance das coberturas e metas vacinais. Desta forma, através do processo educativo a enfermeira supervisora consegue desenvolver o potencial e a qualificação do ACS, além de aumentar o vínculo e a confiança do supervisionado com o supervisor.

Espera-se que este estudo contribua para alertar e conscientizar os enfermeiros sobre a importância da realização da supervisão do ACS para que estes promovam a confiança da população nos serviços de vacinação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.O.M., BARRETO, I.C.H.C., BEZERRA, R.C. **Atenção primária à saúde e estratégia saúde da família**. In: CAMPOS, G.W.S.et al (org.). Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2017. p. 783-836

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 279 p. 2016.

BITTENCOURT, F. S. et al. Agentes Comunitários de Saúde: Atribuições na saúde da criança. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, n.1 vol. 3, p. 318-325, jun./agos, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3192>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia prático do agente comunitário de saúde**. Brasília. Ministério da Saúde, 2009. 260 p. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_acs.pdf

BRITO, M.F.P; GERIN L, COUTO, E.C.A; CUNHA, I.S; CORSINI, M.C.M.M; GONÇALVES, M.C. Caracterização das notificações de procedimentos inadequados na administração de imunobiológicos em Ribeirão Preto, São Paulo, 2007-2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 23, n. 1, pp. 33-44, 2014. DOI:. ISSN 2237-9622. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v23n1/2237-9622-ress-23-01- 00033.pdf>.

CARLI, R. et al. Acolhimento e vínculo nas concepções e práticas dos agentes comunitários de saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, n. 23, v. 3, p. 626-632, jul.-set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/46Zr3kkB85hB3PWFVVYhkdb/abstract/?lang=pt>

ESCOREL S., TEIXEIRA L. A. História das políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do império ao desenvolvimentismo populista. In: GIOVANELLA, L. (org.). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012. p. 279-32.

FONSECA, A. F. et al., Avaliação em saúde e repercussões no trabalho do agente comunitário de saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 519-527, set. 2012. Disponível em: <http://www.index-f.com/textocontexto/2012pdf/21- 519.pdf>.

HOCHMAN, G. Vacinação, varíola e uma cultura de imunização no Brasil. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16. n.2. p. 375-386, 2011. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000200002>

HORTA; Natália de Cássia, PEREIRA, Samira Auxiliadora. **Processo de Trabalho em Saúde e em Enfermagem**. In: SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro, HORTA, Natália de Cássia. *Enfermagem em Saúde Coletiva: teoria e prática*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. p. 49-75.

LUNA, G.L.M.; VIEIRA, L. J.E.S.; SOUZA, P.F.; LIRA, S.V.G.; MOREIRA, D.P.; PEREIRA, A. S. Aspectos relacionados à administração e conservação de vacinas em centros de saúde no Nordeste do Brasil. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 2, p. 513-521, 2011 . DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000200014>. Disponível em: acesso em: 16 de julho 2019

MARINHO, C. S.; JÚNIOR, J. P. B. Supervisão de agentes comunitários de saúde na Estratégia Saúde da Família: entre controle, apoio e formação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. 2020, v. 30, n. 03 . e300328. Disponível em: . Epub 09 Nov 2020. ISSN 1809- 4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300328>. Acesso em 9 maio 2021.